

As grafias de mulheres negras como construtoras de narrativas imagéticas das memórias afrodiaspóricas

LUZIA GOMES FERREIRA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.6 N.1 ANO 2021

RESUMO:

O diálogo sobre a Museologia e os museus no Brasil revela a falta de epistemologias antissexistas e antirracistas, apesar da significativa presença feminina. O II Seminário Brasileiro de Museus, Memória e Museologia LGBT+ Feminista é vital para expandir as perspectivas na Museologia. A autora destaca a importância das literaturas de mulheres negras como resistência e forma de autonomia, confrontando a invisibilidade de suas vozes. As obras literárias oferecem novas narrativas que desafiam a representação da população negra, propondo uma descolonização do pensamento e da prática museológica, além de promoverem cura e políticas de amor.

PALAVRAS-CHAVE: Museologia, literatura negra, mulheres negras, descolonização, resistência.

ABSTRACT:

The dialogue on Museology and museums in Brazil highlights the lack of antisexist and antiracist epistemologies, despite the significant female presence. The II Brazilian Seminar on Museums, Memory, and Feminist LGBT+ Museology is vital for expanding perspectives in Museology. The author emphasizes the importance of the literature by Black women as a form of resistance and autonomy, confronting the invisibility of their voices. Literary works offer new narratives that challenge the representation of the Black population, proposing a decolonization of thought and practice in museology while promoting healing and politics of love.

KEYWORDS: Museology, Black literature, Black women, decolonization, resistance.

As grafias de mulheres negras como construtoras de narrativas imagéticas das memórias afrodiaspóricas

LUZIA GOMES FERREIRA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.6 N.1 ANO 2021

Negras Grafias do Amor, do Cuidado e da Cura

Neste diálogo grafado no papel, é importante salientar que apesar da Museologia e dos museus no Brasil terem um número expressivo de mulheres em atuação, os campos museológico e museal, excetuando raras exceções, ainda não produzem epistemologias antissexistas e antirracistas em diálogo profundo com os feminismos em geral e com o feminismo negro em específico. E é por esta lacuna que o espaço do II Seminário Brasileiro de Museus, Memória e Museologia LGBTQ+ Feminista, se torna de suma importância para ampliarmos os nossos olhares enquanto profissionais atuantes na Museologia e nos museus. Dito isto, centrarei as minhas reflexões no trabalho coletivo em desenvolvimento, coordenado por mim, sobre as escritas literárias de mulheres negras.

Amparada e acolhida nas palavras e pensamentos de mulheres negras como: Alice Walker, Ana Maria Gonçalves, Angela Davis, Audre Lorde, Beatriz Nascimento, bell hooks, Bia Leonel, Carolina Maria de Jesus, Carla Akotirene, Cecília Soares, Chimamanda Ngozi Adichie, Cidinha da Silva, Conceição Evaristo, Eliana Alves Cruz, Fabiana Mendes, Fatou Diome, Felicidade Maria, Gaiaku Luíza Franquelina da Rocha, Geni Guimarães, Grada Kilomba, Joseania Miranda Freitas, Jurema Werneck, Lélia Gonzalez, Lívia Natália, Lysie Reis, Maíra Zenun, Maria Aparecida Bento, Maya Angelou, Neusa Santos Souza, Paulina Chiziane, Renata Felinto, Rosana Paulino, Roberta Tavares, Rosane Borges, Sueli Carneiro, Teresa Cárdenas, Toni Morrison, Zélia Amador de Deus, minha avó Helena de Jesus, entre tantas outras negras mulheres que poderiam ser citadas aqui, trago para esta gira das palavras, a ancestralidade da minha gente. Celebro as existências dessas mulheres negras em minha vida pessoal e profissional, e louvo os seus pensamentos e ações práticas na inabalável crença de que é possível construir um outro mundo para as nossas existências enquanto povo negro.

As grafias de mulheres negras como construtoras de narrativas imagéticas das memórias afrodiaspóricas

LUZIA GOMES FERREIRA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.6 N.1 ANO 2021

Nas encruzilhadas acadêmicas e artísticas sigo como água corrente entre rocha rasgada, guiada pela lama viva da Nanã habitante no meu Orí, mirando o mundo através do Abebé D'Oxum reinante em meu corpo, embalada pelo mar materno de Yemanjá, aconchegada nas travessias das ventanias e calmarias de Oyá, protegida pela Pomba Gira atuante no espaço público da rua e armada com a flecha destemida da Cabocla que lutou por liberdade. Vou por aí traçando mapas de amor e aconchego para descansar na sombra do Baobá, avistado em Dakar e musealizado nas estradas dos meus afetos.

Desde 2009, sou docente na Faculdade de Artes Visuais (FAV/ICA/UFGA). As artes anunciam, denunciam, afirmam, projetam, enfeiam, embelezam a vida vivida no momento presente e traçam linhas sinuosas para o porvir. No exercício da docência identifico a permanente invisibilidade dos pensamentos negros, tanto nos componentes curriculares dos projetos pedagógicos de cursos, nos planos de ensino, quanto no campo epistemológico da Museologia e das Artes. Entendo como pensamentos negros os atos e gestos dos corpos negros inscritos nos espaços acadêmicos e não acadêmicos, artísticos e não artísticos que têm como pauta as existências negras em toda a sua pluralidade com dignidade humanizadora. A constatação da ausência, levou-me a procurar outras referências que apresentassem uma epistemologia negra, um olhar negro sobre o mundo produzidos por corpos afrodiaspóricos e africanos, uma estética negra da palavra.

O meu ofício de leitora e poeta fez-me a trilhar os caminhos de letras das prosas e poesias de mulheres negras. Essas grafias negras ofertam um mosaico com vários marcadores sociais de diferença trabalhados nos campos epistêmicos das Ciências Humanas e Sociais, e das Artes. Contudo, com o diferencial de que são corpos negros narrando, (re)-construindo outras imagens de si, das suas e dos seus a partir das palavras, e assim reconfigurando a ideia de “universal”. E nesse momento, as escritas dessas autoras negras tornam-se uma “fala como lugar”,

As grafias de mulheres negras como construtoras de narrativas imagéticas das memórias afrodiaspóricas

LUZIA GOMES FERREIRA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.6 N.1 ANO 2021

conforme nos alerta Rosane Borges (2020). São vozes que ecoam das geografias da pele para o papel, reverberando outras inscrições de vida no mundo. Para bell hooks:

Sem dúvida, a falta de respostas críticas humanizadas tem tremendo impacto no escritor de qualquer grupo oprimido, colonizado, que se esforça para falar. Para nós, a fala verdadeira não é somente uma expressão de poder criativo; é um ato de resistência, um gesto político que desafia políticas de dominação que nos conservam anônimos e mudos. Sendo assim, é um ato de coragem – e, como tal, representa uma ameaça. Para aqueles que exercem o poder opressivo, aquilo que é ameaçador deve ser necessariamente apagado, aniquilado e silenciado. (hooks, 2019, p.36-37).

Faz-se necessário olhar para os saberes construídos por mulheres negras, evidenciando a possibilidade de termos outras narrativas imagéticas palavradas sobre as nossas memórias, histórias e trajetórias constituintes das nossas existências de dores sufocadas, mas também de ternuras geradas na beleza ancestral do nosso viver. Nesse sentido, a escrita literária pode ser entendida como um lugar de autoria, autonomia, enunciação, emancipação e do exercício das subjetividades. Grada Kilomba nos diz:

Eu sei que enquanto escrevo, cada palavra que escolho será examinada, e, talvez até invalidada. Então por que escrevo? Porque sim. Eu estou envolta numa história de silêncios impostos, vozes torturadas, línguas despedaçadas, idiomas forçados, e discursos interrompidos. Eu estou rodeada de espaços brancos nos quais eu mal posso entrar ou permanecer. Então por que escrevo? Eu escrevo, quase como uma obrigação, para me encontrar. Enquanto escrevo, eu não sou o 'Outro', mas o eu, não sou o objeto, mas o sujeito. Eu torno-me a que descreve, e não a descrita. Eu torno-me a autora, e a autoridade da minha própria história. (KILOMBA, 2017, p. 74-75).

As grafias de mulheres negras como construtoras de narrativas imagéticas das memórias afrodiaspóricas

LUZIA GOMES FERREIRA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.6 N.1 ANO 2021

Como poeta, museóloga e professora numa Faculdade de Artes Visuais, atento-me para o poder devastador ou emancipador da imagens. Rosane Borges, nos fala: “Num mundo em que o Olhar se tornou o neovalor do capital, como pensar as políticas das imagens, as relações de poder em torno dos regimes de visibilidade?” (BORGES, 2019, p. 12). É sabido que historicamente, as raras imagens das mulheres negras criadas nos campos das artes plásticas e visuais, do cinema, da literatura e dos museus ocidentais, são majoritariamente da autoria de homens brancos a serviço do colonialismo e da colonialidade. E isso por si só, já implica em um sério problema de representação e representatividade. Por outro lado, as imagens também contribuem para as construções de nossas subjetividades. É possível afirmar que não há imagens inocentes ou imparciais. As imagens são atos e gestos políticos das pessoas diante da vida, logo, elas passam sim, por um processo de elaboração e intenção. Toni Morrison, nos lembra:

Tinha esquecido o poder das imagens arraigadas e da linguagem estilosa para seduzir, revelar, controlar. Tinha esquecido também sua capacidade de nos ajudar a dar continuidade ao projeto humano, que é permanecer humano e impedir a desumanização e a exclusão dos outros. (MORRISON, 2019, p. 62).

É possível considerar que se as literaturas classificadas como “cânone”, ainda apresentam estereótipos discriminatórios referentes as construções de personagens e imagens das pessoas negras, as obras das prosadoras e poetas negras são detentoras de um “estatuto dos fundamentos”, que nos ofertam plurais matrizes de pensamentos, conforme afirma Rosane Borges (2020). Borges, ressalta: “A literatura oferece uma janela para politizar o mundo.” (BORGES, 2020). As literaturas de mulheres negras podem ser compreendidas como poéticas de contra narrativas históricas da escrita e da imagética sobre os corpos negros. Ainda hoje, nos vemos diante de um enfrentamento cotidiano para termos as

As grafias de mulheres negras como construtoras de narrativas imagéticas das memórias afrodiaspóricas

LUZIA GOMES FERREIRA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.6 N.1 ANO 2021

escritas de teóricas negras e teóricos negros fazendo parte dos nossos currículos e planos de ensino na academia. Há uma permanência sofisticada e perversa do apagamento de escritoras negras e escritores negros, especialmente quando suas produções partem do seu “eu” enunciativo e se propõem a refletir sobre o coletivo heterogêneo que é a população negra na diáspora. Segundo Angela Davis:

[...] pessoas da academia são treinadas para temer o inesperado, mas ativistas também sempre querem ter uma ideia muito nítida de nossas trajetórias e nossos objetivos. Em ambas as instâncias, queremos controle. Queremos controle, de forma que muitas vezes nossos projetos no ativismo e na academia são formulados apenas para reafirmar o que já sabemos. Mas isso não é interessante. É entediante. Então, como permitir surpresas e como torná-las produtivas? (DAVIS, 2018, p. 98).

Concordando com Angela Davis (2018), tenho refletido academicamente sobre o “[...] reafirmar o que já sabemos [...]” em nossos projetos, artigos, currículos e planos de ensino. Por exemplo, temos conhecimento de que romper com o racismo e o sexismo estrutural e institucional, tem sido uma tarefa árdua para as mulheres negras dentro e fora da academia, pois, ainda não desativamos o sistema de poder que nos oprime, nos silencia e nos mata. Porém, para além das críticas as teorias, ensino e artes epistemicidas em vigência, é necessário buscar o inesperado, conforme Davis sinaliza. Nesse sentido, as artes em suas transdisciplinares linguagens, são um dos lugares da surpresa poética criativa. Ao trazer as escritas literárias de escritoras negras para à área da Museologia, é uma forma de desatar os nós opressores e criar laços d’água de cuidado, cura, amor e reconfiguração teórica. É uma possibilidade cuidadosa de pluralizar as narrativas escritas e imagéticas do povo negro.

Na maior parte do tempo visualizo na Museologia e nos Museus uma tentativa de adequar um pensamento pretensamente descolonizador no campo

As grafias de mulheres negras como construtoras de narrativas imagéticas das memórias afrodiaspóricas

LUZIA GOMES FERREIRA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.6 N.1 ANO 2021

teórico e prático, que na maioria das vezes, ainda seguem imersos em legados coloniais, fomentando a colonialidade. É preciso se atentar que na maior parte do tempo dentro e fora da academia, sujeitas negras e sujeitos negros, não são escutadas e escutados, bem como não possuem ações de decisão nos espaços reconhecidos e legitimados como lugares de “poder”. Ainda temos de juntar os caquinhos das memórias traumáticas ressoadas em nossos corpos negros, porque o passado insiste em se reatualizar no presente e segue consolidando traumas históricos com seus fantasmas coloniais.

No Brasil não podemos esquecer os discursos construídos sobre a população negra nas ciências, nas artes e nos museus. Evidentemente, que as pessoas brancas herdeiras e herdeiros dos colonizadores e das colonizadoras ocupando espaços de poder, cristalizaram através da escrita e das imagens a “suposta passividade” do povo negro durante o violento sistema da escravidão, a “lascividade” e “brutalidade” da mulher negra e a “animalidade versus criminalidade” do homem negro. Ainda hoje temos de construir estratégias para desconstruir esse imaginário social incrustado na memória de longa duração do país. Por isso, a importância de se reconhecer outras plataformas de memórias para além das oficializadas pelo Estado. É nesse sentido, que também penso as escritas literárias de autoras negras como inscrições de memórias construtoras de olhares humanizadores com evidenciação das resistências, subjetividades, complexidades e singularidades das vidas negras.

Compreendo as artes como produções de conhecimentos plurais, diluidoras das fronteiras epistêmicas. As artes literárias de mulheres negras podem fundamentar propostas construtivas de epistemologias antirracistas e antissexistas na contemporaneidade. A Literatura não pode e nem deve ser vista como um apêndice da “ciência” e sim, uma interlocutora transdisciplinar que rompe com as fronteiras teóricas e metodológicas, contribuindo para desconstruir a limitação da

As grafias de mulheres negras como construtoras de narrativas imagéticas das memórias afrodiaspóricas

LUZIA GOMES FERREIRA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.6 N.1 ANO 2021

nossa percepção de mundo na vida acadêmica. Para as prosadoras e poetas negras, escrever literatura não deixa de ser um ato político e revolucionário. Para as pessoas negras e brancas essas escritas se tornam uma ferramenta política de descolonização das mentes-corpos.

Encruzilhando Caminhos para o Porvir

As nossas mais velhas e os nossos mais velhos investiram para que muitas e muitos de nós dominássemos o código da escrita e assim escrevêssemos outras histórias com a dignidade que nos foi usurpada pela supremacia branca. Essas escritas são a materialização da luta secular para existirmos no continente americano, estruturalmente racista e aniquilador das nossas teorias, artes e corpos. É mais do que urgente ampliarmos os nossos olhares e pensamentos para compreendermos que há séculos as populações negras diaspóricas constroem conhecimentos e os preservam. Sem sombras de dúvidas a principal ação de preservação do povo negro foi encontrar estratégias de manter-se vivo dentro de Estados genocidas, como o Brasil e o Estados Unidos, por exemplo.

As imagens construídas pelas artes literárias de mulheres negras contribuem para ultrapassarmos as barreiras teóricas e construirmos na prática atos políticos de desmantelamento do racismo e do sexismo cotidiano dentro e fora da academia. Essas obras são elaborações e intenções constantes do repensar a si mesmo, o seu grupo racial e a relação com a sociedade na qual esse corpo negro se insere e se inscreve.

As prosadoras e poetas negras criam artes desativadoras das imagens de controle do corpo negro dentro e fora da academia. Contribuem para abalar as estruturas normativas do cisheteropatriarcado, que secularmente oferta o descrédito às nossas existências. Ao questionar e propor outras narrativas de escritas-imagéticas, essas negras grafias constroem caminhos coletivos rumo a um

As grafias de mulheres negras como construtoras de narrativas imagéticas das memórias afrodiaspóricas

LUZIA GOMES FERREIRA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.6 N.1 ANO 2021

processo de descolonização das nossas epistemologias, currículos, planos de ensino, artes e museus; são possibilidades de cura para as feridas inflamadas pela colonialidade vigente, adoecedora das nossas subjetividades; são conhecimentos plurais transeuntes nos diferentes tempos; e por fim, são atos e gestos políticos de amor.

Referências

BORGES, Rosane. Das perspectivas que inauguram novas visadas. In: Prefácio do livro Olhares Negros: raça e representação. Tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Elefante 2019. pp. 09-22.

BORGES, Rosane. Enunciados do Visível: Traços e Rastros de Pensadoras Negras. Projeto Desenvolvido através de lives no Instagram. 2020. Disponível em: https://www.instagram.com/_rosaneborges/. Acedido em 15/06/2020.

DAVIS, Angela. A liberdade é uma luta constante. Organização Frank Barat. Tradução Heci Regina Candiani. 1. ed São Paulo: Boitempo. 2018.

hooks, bell. Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra. Tradução de Cátia Bocaiuva Maringolo. São Paulo: Elefante. 2019.

KILOMBA, Grada. Catálogo da Exposição Secrets To Tell. MAAT. Lisboa – PT. 2017. MORRISON, Toni. A origem dos outros: sobre racismo e literatura. Tradução Fernanda Abreu. Prefácio Ta-Nehisi Coates. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

As grafias de mulheres negras como construtoras de narrativas imagéticas das memórias afrodiaspóricas

LUZIA GOMES FERREIRA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.6 N.1 ANO 2021

SOBRE AS AUTORIAS:

Luzia Gomes Ferreira, Universidade Federal do Pará

Poeta, Docente do Bacharelado em Museologia da Universidade Federal do Pará .

E-mail: luziagomess@ufpa.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6358-3392>

RECEBIDO em: 12/12/2020

APROVADO em: 25/01/2021